

A NOVA BATALHA

Copyright © 2021 by Pe. Reginaldo Manzotti

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela PETRA EDITORIAL LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

PETRA EDITORA

Rua Candelária, 60 — 7.o andar — Centro — 20091-020

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3882-8200

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Manzotti, Reginaldo, 1969-

A nova batalha: o natural e o sobrenatural: as armas da fé na pandemia do século /
Reginaldo Manzotti. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Petra, 2021.
176 p.

ISBN 978-65-88444-00-9

1. Coronavírus na literatura. 2. Escritores católicos. 3. Fé (Cristianismo). 4. Igreja Católica.
5. Pandemias. 6. Vida cristã. I. Título.

21-58181

CDD-269.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Avivamento e renovação: Cristianismo 269.2

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Agradecimentos

Introdução

Capítulo 1. Eis que a nova batalha se anuncia

Capítulo 2. Corrigir, sim; castigar, não

Capítulo 3. Como potencializar a fé

Capítulo 4. As armas de Deus para enfrentarmos a nova batalha

Capítulo 5. Para a proteção do casamento

Capítulo 6. A educação dos filhos em tempos de isolamento

Capítulo 7. Como lidar com o grave problema da crise financeira

Capítulo 8. Como perseverar diante das perdas sofridas

Capítulo 9. Enfrentando os males físicos e psicológicos causados pela pandemia

Capítulo 10. O dia depois de amanhã

Conclusão

Referências bibliográficas

Colofão

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me mantido com saúde e forças para chegar até aqui.

Agradeço, também, a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, têm ajudado a tornar as consequências da pandemia do novo coronavírus mais amenas — pessoas que, com empatia e calor humano, na linha de frente, na retaguarda, na prestação de serviços, no voluntariado, nas mais diversas áreas e funções, estão fazendo a diferença na vida de muitos, aliviando o peso e o sofrimento nesta grave crise de saúde pública.

Filhos e filhas, sem distinção, recebam a minha bênção sacerdotal!

Introdução

Copyrighted image

Copyrighted image

Sim, estamos todos travando uma nova batalha e correndo contra o tempo. Desta vez, nosso terrível inimigo é um ser invisível a olho nu: um vírus de alguns nanômetros de diâmetro que parou o mundo e tem ceifado muitas vidas.

Parecia algo simples, mas não foi bem assim. Pela sua capacidade de pairar no ar, atingindo uma distância de até dois metros, além de sobreviver por horas sobre superfícies diversas, ele demonstrou ter alta transmissibilidade e encontrou muitos hospedeiros. E o mais trágico: aproveitando-se daquilo que temos de mais humano, o contato físico, acabou por nos privar da nossa liberdade de ir e vir, de receber um simples abraço ou um aperto de mão.

Após infectado, o organismo humano desenvolve a doença chamada Covid-19, sobre a qual comento um pouco mais no primeiro capítulo. Menosprezado por alguns, assintomático em outros, letal para muitos, perigoso para todos, desde que o vírus SARS-CoV2, o novo coronavírus, alcançou o patamar de pandemia e chegou ao nosso país, ele tem provocado uma montanha-russa de fatos e emoções: isolamento social, medidas sanitárias, restrições severas ao comércio, quarentena, toque de recolher, decretos em caráter de urgência, troca de ministros da saúde, descaso, negação, fake news (ou notícias falsas), polarização, hospitais de campanha, respiradouros, falta de leitos de UTI, superfaturamento em compra de equipamentos, alto número de mortes e, para piorar, até mesmo a crueldade da falta de oxigênio em hospitais.

Sem precisar me estender mais, o fato é que a pandemia do novo coronavírus afetou direta ou indiretamente a vida dos seres humanos em todo o planeta. Trata-se de uma batalha que deixará marcas profundas em todos nós.

É interessante observar que alguns dos setores mais atingidos das nossas vidas foram abordados nos meus livros *Batalha espiritual* e *Combate espiritual*: no dia a dia. Por isso, para esta nova obra, oportunamente resgatei esses temas, dando-lhes um enfoque atual. Resgatar alguns desses temas não quer dizer que os escritos anteriores estejam ultrapassados e não tenham mais validade. De modo algum! Trata-se apenas de levar em consideração aquilo que estamos vivendo hoje.

Por se tratar de um contexto extremamente dinâmico, à medida que escrevia cada capítulo o cenário da pandemia foi se modificando. Assim e felizmente, tão logo concluí minhas explicações, a tão esperada vacina foi aprovada. Não posso deixar de comemorar o fato de que, enquanto redigia esta breve introdução, pela graça de Deus e para o alívio dos brasileiros, começava a vacinação em algumas capitais do país.

Ainda assim, decidi não mudar nem uma vírgula do que já estava pronto: afinal, a vacinação, medida de extrema importância, não implica o fim da batalha. Não ficará tudo resolvido ao sermos vacinados. A luta não acabou. Continuaremos por um longo tempo seguindo restrições até que essa pandemia esteja controlada. Temos de manter todos os cuidados pensando em nós e nos outros. O êxito total depende em grande parte do comportamento social; sem a conscientização de cada um, nenhuma vacina trará a vitória.

A exortação do apóstolo Paulo aos Filipenses é muito propícia para nós neste tempo de pandemia e para o que virá: “Por estarem unidos com Cristo, vocês são fortes, o amor dele os

anima, e vocês participam do Espírito de Deus. E também são bondosos e misericordiosos uns com os outros. Então, peço que me deem a grande satisfação de viverem em harmonia, tendo um mesmo amor e sendo unidos de alma e mente” (Fl 2, 1-2).

Unidos com Cristo, somos mais fortes; solidários, somos mais irmãos. A pandemia deixou evidente a nossa responsabilidade no cuidado de nós mesmos e de todos os que nos cercam.

Acima de tudo, com esta nova obra, meu mais profundo anseio está em dar minha contribuição para este momento ímpar da nossa história, com uma mensagem de esperança de que dias melhores virão, bem como de fé e de confiança em um Deus que está sempre ao nosso lado.

Creio sinceramente na possibilidade de ressignificar todo sofrimento e despertar para as mudanças necessárias, de modo a que não voltemos ao “velho normal”, mas redefinamos nossa rota e transformemos o mundo em um lugar melhor.

Lembro que toda batalha conta com soldados que combatem diretamente à frente do perigo. Esses são os heróis anônimos a quem agora aproveito para homenagear e agradecer, como os profissionais de saúde e de serviços essenciais. Essas são pessoas que abdicaram, muitas vezes, do convívio com a própria família para prestarem atendimento aos infectados.

Como padre e cidadão, também me solidarizo com todas as famílias que perderam entes queridos. A Igreja também perdeu muitos sacerdotes e bispos, mas não perdemos a esperança na vida eterna e no poder salvador d’Aquele que venceu a morte:

Senhor Jesus das Santas Chagas, Salvador do mundo,
Nós Vos louvamos e agradecemos por serdes um Deus
de amor,
Um Deus que disse: “Não temas, estou contigo!”

Ficai conosco, Senhor, em nossas tribulações,
Afastai de nós o mal que quer nos atingir no corpo e na
alma.

Defendei-nos desse inimigo viral que ameaça nossa
existência.

Amenizai, Senhor, os efeitos desta pandemia.

Iluminai com Vosso Espírito Santo as ações de nossos
governantes,

Restaurai a saúde dos enfermos,

Consolai os que sofrem com as perdas.

Protegei, Senhor, os profissionais da área da saúde e
todos os que cuidam dos doentes.

Ajudai-nos a vencer o desemprego e a superar a crise
financeira.

Renovai, Senhor, em nós a esperança.

Dai-nos a graça de atravessar esse período com
serenidade e com responsabilidade nos cuidados de
nós mesmos e dos demais, para que, unidos a Vós,
possamos alcançar a vitória e cantar louvores ao Vosso
Santo Nome.

Amém.

Copyrighted image

EIS QUE A NOVA BATALHA SE ANUNCIA

O ano de 2020 mal havia começado, e a vida transcorria normalmente. Muitos projetos, objetivos e metas eram delineados, até que ela chegou. A famigerada pandemia. Uma palavra até então pouco presente em nosso vocabulário. Já tivemos episódios semelhantes no passado, com surtos graves de gripe e tuberculose; mas, como ocorre com tudo aquilo que está sujeito ao passar do tempo, acabamos por nos esquecer desse inimigo à espreita.

Pandemia é uma palavra que deriva do grego pandemias, formada pela junção dos elementos pan (todo, tudo) e demos (povo), significando, portanto, “todo o povo”. De fato, a pandemia provocada pelo novo coronavírus, a pandemia da Covid-19, nome dado à doença causada pelo vírus SARS-CoV2, identificado pela primeira vez em Wuhan, na China, tem se mostrado uma epidemia de grandes proporções, que se espalha por vários países e atinge toda a humanidade. No princípio, ouviam-se apenas rumores de que, em uma cidade do outro lado do mundo, um vírus até então desconhecido estava infectando as pessoas, mas não se tratava de nada além dos

sintomas de uma gripe, a qual poderia agravar-se entre pessoas idosas.

Já vimos em livros anteriores, como *Batalha espiritual e Combate espiritual: no dia a dia* — aos quais vamos recorrer ao longo desta obra para compreendermos a melhor forma de lidar com este novo mal que nos assola —, que o Inimigo contra o qual lutamos é astuto e que não podemos menosprezá-lo. Se todas as autoridades mundiais perdidas em meio à sua sede de poder e vaidade se atentassem para quanto esse Inimigo oculto é capaz de semear erros e desgraças na trajetória da humanidade desde que o primeiro pecado foi cometido, as circunstâncias seriam outras. “Quem continua pecando pertence ao Diabo porque o Diabo peca desde a criação do mundo. E o Filho de Deus veio para isto: para destruir o que o Diabo tem feito” (1 Jo 3, 8).

De fato, como vimos em meu livro *Batalha espiritual*, ceder à tentação inspirada pelo Maligno é a origem de todo pecado que entrou no mundo, e por que seria diferente com a pandemia do novo coronavírus? A quem ela serve? E de quais armas dispomos para enfrentar o Demônio desde que ele adquiriu certo poder sobre a humanidade?

Como vimos, temos de manter uma postura atenta e vigilante o tempo inteiro, e isso é obviamente um cuidado que vale para todos, cidadãos e autoridades, em nível global, porque os tentáculos do Maligno são uma terrível realidade que está em toda parte deste mundo. Sua intenção é invariavelmente nos destruir — nós, filhos amados de Deus.

Então, mais uma vez, sem estarmos preparados, vemo-nos diante de uma realidade inimaginável. Quarentena, distanciamento social, igrejas fechadas... Como lidar com tudo isso?

De repente, nada de reuniões familiares e de trabalho, viagens, abraços, o aconchego da convivência familiar e com amigos; essas são algumas das principais e duras medidas sanitárias para tentar combater o contágio pelo novo coronavírus. Por outro lado, o tal “distanciamento social”, de forma contraditória, nos levou a nos aproximar e socializar como nunca — não presencialmente, mas pela internet. O uso do celular, por exemplo, que antes mantinha separadas as pessoas dentro de uma mesma casa, passou a ser utilizado para reunir entes isolados.

Novos costumes, educação a distância, reuniões e trabalho remotos, o chamado home office, que parece ter vindo para ficar, são faces desse “novo normal”. Incluo também nesse pacote os aniversários on-line, as lives solidárias, informativas e de entretenimento, sem esquecer das Missas acompanhadas remotamente, que, embora não substituam as Missas presenciais e seus efeitos salvíficos, acabaram sendo, para muitos, a única forma de piedade litúrgica durante esse momento.

No caso da vida espiritual, com as igrejas fechadas, cada sacerdote se adaptou como pôde para não deixar seus paroquianos sem as celebrações. Assim, cada lar transformou-se em uma pequena igreja doméstica. Fico pensando em como o Maligno se revirou ao constatar que a tecnologia, sem dúvida, acabou sendo acrescentada ao rol de armas de que dispomos para lutar contra ele. Ao longo desta obra, rememoraremos quais são as principais delas e aquelas que não podemos negligenciar para continuarmos lutando contra o mal na nossa vida.

De pronto, cito Santa Catarina de Bolonha (1413–1463), santa italiana que, em seu tratado autobiográfico, nos apresenta

sete armas espirituais, a saber: (1) ter cuidado e preocupação de trabalhar sempre para o bem; (2) crer que, sozinhos, nunca poderemos fazer nada de verdadeiramente bom; (3) confiar em Deus e, por Seu amor, não temer nunca a batalha contra o mal, seja no mundo exterior, seja dentro de nós mesmos; (4) meditar com frequência nos acontecimentos e palavras da vida de Jesus, sobretudo Sua Paixão e Morte; (5) lembrar que deveremos morrer; (6) ter fixada na mente a memória dos bens do Paraíso; e (7) criar familiaridade com a Sagrada Escritura, levando-a sempre no coração para que oriente todos os pensamentos e todas as ações.

Essas armas espirituais, apesar de terem sido articuladas na Idade Média, são atuais para qualquer tempo, em todo tipo de situação, principalmente nas circunstâncias em que nos encontramos. Aliadas a ela, temos ferramentas que nos possibilitam estar em vantagem nessa batalha da pandemia e em muitas outras. Sem dúvida, a tecnologia comprova que está a nosso favor, e devemos cada vez mais explorá-la para o bem, como instrumento para o benefício comum.

Confesso que nunca, nos meus 25 anos de sacerdócio, nem sequer por um momento imaginei vivenciar uma realidade como esta: celebrar a Santa Missa sem assembleia de fiéis, oferecer a Comunhão Eucarística no sistema drive-thru. Até uma Missa para pessoas estacionadas e confinadas dentro de seus automóveis eu celebrei. Creio que quem a viu jamais se esquecerá da imagem impactante do Papa Francisco caminhando sozinho, em uma Praça de São Pedro completamente vazia, para dar a bênção *urbi et orbi* — à cidade de Roma e ao mundo — em 27 de março de 2020.

Vivemos, portanto, momentos marcantes. Uma das imagens que mais chocaram o mundo foi a dos cemitérios com centenas

de valas abertas para receber vítimas fatais da Covid-19. Muitos compararam esse triste quadro a cenas dos piores filmes de terror.

Nem assim, porém, o Maligno se deu por vencido e abandonou seu trabalho. Não bastasse o excesso de informações vindas de todo lado e com inevitável dificuldade de processamento, veio a enxurrada de conteúdos falsos e duvidosos, as chamadas fake news. Medicamentos citados como verdadeiras panaceias foram caindo por terra um a um, à medida que a comunidade científica batia o martelo quanto aos tratamentos verdadeiramente eficazes, em especial nos casos mais graves da doença. Isso sem contar todo tipo de controvérsia envolvendo o número de mortos; no auge desse processo, até o conteúdo dos caixões enterrados foi colocado em xeque.

Fomos também bombardeados com orientações diversas, vindas de todos os lados, e, a cada uma delas, os fatos pareciam mais confusos, aumentando as dúvidas e incertezas: afinal, quando vamos voltar à plena atividade? Essa restauração do mundo tal como era antes implica necessariamente contrair a doença? E como ficará a questão econômica? O que será dos trabalhadores que estão sendo dispensados? Vamos conseguir nos refazer? Passará logo?

Não desanimemos; antes, lembremo-nos do que afirmou o apóstolo João: “Ao nos dirigirmos a Deus, podemos ter esta confiança: quando pedimos alguma coisa conforme o seu projeto, Ele nos ouve. E, se sabemos que Ele nos ouve em tudo o que lhe pedimos, estamos certos de que já obtivemos o que lhe havíamos pedido” (1 Jo 5, 14-15).

Quando tudo começou, imaginávamos que seria assim por um curto período. Lembro-me de que, para dar força, ânimo e esperança a todos os que estavam em quarentena, assustados,

*image
not
available*

ou moral, e certamente está entre nós apenas para cumprir sua função de invadir e infectar o maior número de hospedeiros possível. Por outro lado, os estragos que vem provocando têm impacto direto sobre a humanidade e o mundo em que vivemos, e, nesse sentido, cabe a nós refletirmos sobre quanto isso nos aproxima do precipício ao qual o Maligno trabalha diuturnamente para nos lançar. Se vamos ou não aprender algo com o sofrimento causado pela pandemia é, portanto, um desdobramento do mais absoluto interesse de todos nós. Eu espero e gostaria que aprendêssemos muito.

Isso pode parecer prosaico demais, porém, quando admitimos que precisamos uns dos outros para ficarmos bem — e é um grande gesto de solidariedade agir de acordo com a consciência de que as nossas ações podem impactar a saúde de outras pessoas —, estamos, sim, lutando contra as garras do Inimigo. Ao contrário, quando adotamos o caminho do negacionismo, achando que tudo não passa de invenção; quando pouco nos importamos com nós mesmos e com os outros, estamos agindo conforme os planos de Satanás.

A vida é uma dádiva de Deus, um dom precioso. Ao nos expormos — e também os outros — a situações de perigo, estamos cometendo um atentado contra esse dom, um pecado que fere o quinto mandamento da Lei de Deus. Como ensina o Livro dos Provérbios: “O esperto vê o perigo e se esconde; o ingênuo avança e se sai mal” (Pr 22, 3).

Da mesma forma, estão agindo pela Cartilha do Maligno aqueles que tentam obter vantagem superfaturando equipamentos e aumentando preços sem necessidade. Felizmente, sou testemunha da solidariedade de muitas pessoas que ajudaram e continuam ajudando como podem e com

*image
not
available*

Eu me coloco diante de Vós e Vos peço:
Vinde em auxílio do Vosso povo, Senhor!
Vinde com o Vosso poder
E defendei-nos da maldade dos inimigos que nos
rondam buscando nos derrubar.
Dai-nos saúde no corpo e na alma.
Protegei-nos da violência, das epidemias, das pandemias
e demais flagelos.
Senhor, purificai a nossa vida,
Livrai-nos do rancor, da inveja e do desânimo.
Concedei-nos horror ao pecado e afastai de nós tudo o
que nos afasta de Vós.
Senhor, se pela desobediência aos Vossos ensinamentos
algum mal se abater sobre nós,
Permiti-nos refugiar em Vossas Santas Chagas Dolorosas
e Gloriosas
E só em Vós viver.
Se estamos convosco, não existe mal que nos possa
derrotar.
Amém.

pastores acabaram mortos no campo por raios vindos do céu. Seus empregados, por sua vez, perderam a vida a fio de espada. Para piorar, um vento forte derrubou sobre seus filhos a casa em que estavam reunidos em um banquete. Todos morreram.

Jó, no entanto, frustrou os planos de Satanás e, mesmo diante de tanto sofrimento, não murmurou contra Deus. Levantou-se e, em sinal de tristeza, rasgou suas vestes, raspou a cabeça, prostrou-se e venerou o Senhor. Foi quando pronunciou as célebres palavras: “Nasci nu, sem nada, e sem nada vou morrer. O Senhor deu, o Senhor tirou; louvado seja o nome do Senhor.”

Não contente com a atitude de Jó, em outra oportunidade em que os servidores celestiais vieram se apresentar diante de Deus, novamente lá estava Satanás. Na conversa com o Criador, insiste em que a firmeza e a sinceridade de Jó só existiam porque este ainda desfrutava de saúde. Obtém, então, permissão para abalar a saúde de Jó, mas não para matá-lo.

Assim, o pobre Jó viu-se acometido por uma pavorosa doença, que cobriu de feridas seu corpo inteiro. Conta o texto que ele se sentou sobre cinzas. Como já citei em *Batalha Espiritual*, a cinza tinha o papel de purificação: era o lugar em que a doença não se proliferava. Jó se viu excluído, sofrendo, e sua mulher o aconselhou a apressar o fim, a amaldiçoar a Deus e morrer. Nesse momento de intensa aflição, aquele pobrezinho dá uma lição à esposa e a todos nós: “Se recebemos de Deus as coisas boas, por que não aceitaremos também as desgraças?” E ele não pecou nem pronunciou nenhuma palavra contra Deus.

Eis, então, que Jó foi visitado por três amigos, os quais, a princípio, não o reconheceram, tão lastimável era o estado em que se encontrava. Ao chegarem, os amigos choraram e se entristeceram por ele; depois, durante uma semana, ficaram

*image
not
available*

todos vitoriosos, e quando não vencemos isso não se deve ao fato de o Senhor não nos ter dado a vitória, mas ao fato de havermos desistido antes da hora.

Permaneçamos obedientes, fiéis e confiantes n'Aquele que nos criou.

Para rezar

Salmo 62

R.: Sois Vós, Senhor, meu rochedo e salvação!

Só em Deus a minha alma tem repouso,
porque d'Ele é que me vem a salvação!
Só Ele é meu rochedo e salvação,
a fortaleza, onde encontro segurança!

Até quando atacareis um pobre homem,
todos juntos, procurando derrubá-lo,
como a parede que começa a inclinar-se,
ou um muro que está prestes a cair?

A minha glória e salvação estão em Deus;
o meu refúgio e rocha firme é o Senhor!
Povo todo, esperai sempre no Senhor,
e abri diante d'Ele o coração:
nosso Deus é um refúgio para nós!

Oração

Senhor, Deus Pai todo-poderoso,

*image
not
available*

negligência pela qual alguém recusa adquirir os bens espirituais por causa do trabalho” (Suma teológica, I-II, q. 85, a. 4).

Trata-se de um pecado que fere, sim, nossa alma, pois deixamos de buscar aquilo que ela deseja. Todavia, também se volta contra Deus. O Catecismo da Igreja Católica nos ensina que podemos pecar contra o amor divino ao sermos indiferentes, negligenciando, recusando e menosprezando a iniciativa do Senhor em nos amar. A preguiça, também chamada de tibieza, leva à hesitação e mesmo à recusa em corresponder a esse amor (cf. Catecismo da Igreja Católica, 2094).

Combatemos essa preguiça justamente buscando a Deus, amando-O e entrando em comunhão com Ele. Como disse o Papa Francisco: “Também em nosso caminho de fé é importante saber e sentir que Deus nos ama e não ter medo deamá-Lo: a fé professa-se com a boca e com o coração, com a palavra e com o amor” (Audiência geral, 3 de abril de 2013).

A fé também pressupõe obediência, a qual implica um livre acolhimento e a aceitação da Palavra de Deus. “Obedecer (ob-audire) na fé é submeter-se livremente à palavra escutada, por a sua verdade ser garantida por Deus, que é a própria verdade. Desta obediência, o modelo que as Sagradas Escrituras nos propõem é Abraão. A sua realização mais perfeita é a da Virgem Maria” (Catecismo da Igreja Católica, 144).

Fé e atitude andam juntas

Se Jó é o homem da paciência, Abraão é o exemplo de fé. Realmente, não há como refletir sobre fé, obediência e fidelidade sem mencionar a história de Abraão (cf. Gn 12, 1–25,

*image
not
available*

justos. O Senhor respondeu que, se assim fosse, perdoaria a cidade inteira.

Abraão se mostrou ousado ao fazer o pedido e logo se deu conta do imbróglio, baixando o número de pessoas idôneas procuradas, até chegar a dez. O Senhor concordou com a proposta, mas, apesar de Sua infinita bondade e paciência, os pecados dos habitantes das cidades se tornaram demasiadamente grandes, sem haver arrependimento. Com isso, adveio o castigo da destruição. Em Sodoma não havia nem sequer dez homens justos! (O Senhor, no entanto, teve compaixão de Ló e salvou sua vida e a de suas filhas.)

De acordo com a promessa, Sara engravidou e o menino nasceu no tempo prometido, tendo recebido o nome de Isaac. Abraão já estava com cem anos quando o filho nasceu. Para se ter ideia, entre a promessa feita quando Abraão deixou a vida que levava e sua concretização, passaram-se 25 anos.

À luz de todos esses episódios e do longo tempo transcorrido, concluo que, muitas vezes, o que falta à nossa oração é a confiança necessária. A fé deve ser confiante, cheia de esperança, mas também paciente. É preciso saber esperar o tempo de Deus!

No caso de Abraão, somente a espera obediente e perseverante já seria a melhor definição de fé, mas a história não parou por aí. Algum tempo depois, Deus colocou-o à prova pedindo que sacrificasse o filho que tanto amava, Isaac.

Muitos podem pensar que Deus foi cruel ao fazer tão grande exigência, mas essa avaliação se mostra totalmente equivocada. Quando saímos da superfície dos fatos e mergulhamos no significado maior dessa passagem, deparamo-nos com a prefiguração do sacrifício do próprio Jesus, o Filho de Deus.

*image
not
available*

tantas. O xis da questão está na atitude: uma atitude de confiança e de apropriação da bênção.

Devemos pensar como Abraão: Deus provê, Deus proverá. Portanto, sejamos ousados — ousados naquilo que fazemos e na oração. Não é a linguagem rebuscada ou a gramática bem empregada que vai convencer Deus, e sim nossa postura de confiança ao nos jogarmos nos braços do Senhor.

Já vimos que a Igreja recebeu o poder de, em nome do Cristo, curar doentes e expulsar demônios (cf. Mc 16, 17-18). Isso inclui os demônios que estão a cada momento se manifestando. E quer demônio mais terrível do que a incredulidade? Esta pode estar muito bem acomodada dentro de cada um de nós. O mesmo vale para os demônios da conivência, da injustiça, da traição, do adultério, do pavor e da prostração diante de uma pandemia. Expulse-os!

Você pode pensar: “Mas eu não tenho forças.” De fato, você não tem, mas o Senhor possui, e tudo o que pede é nossa fé. Com uma fé sincera, em nome do Senhor Jesus é possível determinar: “Afasta-te de mim! Sai da minha vida!”

Os apóstolos, por si sós, não tinham poderes extraordinários, mas agiam com base nos sinais dados por Jesus. Tocaram nos doentes e eles foram curados. Confirmam-nos os Atos dos Apóstolos, em que Pedro afirma: “Não tenho nem ouro nem prata, mas o que tenho eu te dou: em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda!” (At 3, 6). Eis a manifestação da fé.

Alguém poderia perguntar:

“Padre, isso não seria fanatismo?”

Não, isso é fé.

O Senhor é o médico dos médicos e tudo pode. Trata-se de ter fé e acreditar. Trata-se de se apropriar da graça, e insisto: isso é algo possível, real e está ao alcance de cada um de nós.

*image
not
available*

AS ARMAS DE DEUS PARA ENFRENTARMOS A NOVA BATALHA

No combate a qualquer tipo de inimigo, precisamos nos proteger usando acessórios que nos permitam diminuir os riscos de sermos atingidos. Isso ficou bem claro na pandemia da Covid-19, quando fomos orientados a usar máscaras, escudos faciais e outros equipamentos de proteção individual — para profissionais mais expostos, diversos deles são obrigatórios, como gorro, óculos de proteção, avental impermeável de mangas longas, luvas de procedimento, calçado adequado etc. —, além de álcool em gel para higienização.

Na vida espiritual não é diferente: combatemos um Inimigo poderoso e precisamos de múltiplos acessórios espirituais que nos ofereçam proteção efetiva. No livro *Batalha espiritual*, reforço que somos os protagonistas de um combate travado diariamente, e não apenas em tempos de crise sanitária e econômica. E, seja qual for o contexto, somos abençoados porque Jesus já nos conquistou a vitória, cabendo a nós

*image
not
available*

Paulo, as quais, a rigor, valem para nos salvar das armadilhas do Inimigo, incluindo aquela que enfrentamos hoje, em um cenário de pandemia:

“Fortalecei-vos no Senhor e na força do Seu poder.”

“Revesti-vos da armadura de Deus.”

“Vigiai com toda perseverança.”

Mais arsenal de combate

Assim como a Armadura de proteção, o Senhor coloca à nossa disposição armas para lutarmos e vencermos toda e qualquer batalha, seja ela espiritual, seja ela humana.

No mundo de hoje, estamos em evidente combate, e nosso inimigo é um ser que, apesar de ter dimensões microscópicas, goza de um poder de destruição alarmante. Há algo de maligno e diabólico nesse novo coronavírus.

Acredite em mim: não estava no plano de Deus que os últimos meses seriam esse mar de sombras!

No entanto, isso aconteceu, e não podemos nos esquivar da batalha. Por outro lado, a boa notícia é que Ele está conosco e nos oferece coisas poderosas para esse combate. Tal qual já expliquei, nós podemos rejeitar o mal e temos força para isso.

Mas como?

Fortalecidos em nossa vontade por meio da graça de Deus. Embora sejamos vulneráveis às seduções do Maligno e às nossas fraquezas, Deus jamais nos abandona e ainda nos municia com uma série de armas espirituais que vale a pena resgatarmos.

1) Jejum

animal, também o Filho do Homem seria levantado para salvar todos os que n'Ele cressem (cf. Jo 3, 14).

Portanto, diante das serpentes que rondam nossa vida, das mordidas que estamos levando nesta fase de pandemia e de outros males, não precisamos mais, como Moisés, levantar uma haste com uma serpente de bronze. Antes, olhemos para Aquele que foi levantado, Nosso Senhor Jesus Cristo, na Cruz. Se a serpente de Moisés curou, o Cristo levantado na Cruz cura, liberta e salva da condenação eterna.

4) Nome do Senhor

O nome de Jesus Lhe foi atribuído pelo próprio Pai (cf. Lc 1, 31). “Assim Deus fez com que o Filho fosse superior aos anjos e lhe deu um nome superior ao nome deles” (Hb 1, 4).

Cito novamente o Catecismo da Igreja Católica por achar espetacular esta explicação: “[...] o nome que tudo encerra é o que o Filho de Deus recebe na sua encarnação: JESUS. O nome divino é indizível para lábios humanos, mas, ao assumir a nossa humanidade, o Verbo de Deus comunica-no-lo e nós podemos invocá-lo: ‘Jesus’, ‘YHWH salva’. O nome de Jesus contém tudo: Deus e o homem e toda a economia da criação e da salvação. Rezar ‘Jesus’ é invocá-Lo, chamá-Lo a nós. O Seu nome é o único que contém a presença que significa. Jesus é o Ressuscitado, e todo aquele que invocar o Seu nome acolhe o Filho de Deus que o amou e por ele Se entregou” (Catecismo da Igreja Católica, 2666).

O Nome de Jesus tem poder e deve ser usado na batalha contra as forças do mal que nos cercam. O próprio Jesus nos deu essa autoridade: “Estes são os sinais que acompanharam aos que crerem: em Meu Nome expulsarão demônios, falarão em

*image
not
available*

que os antídotos estejam acessíveis
a todos os Teus filhos.
Amém.

6) *Invocação do Arcanjo Miguel*

O nome desse arcanjo tem origem hebraica e remete àquele que é “tal como Deus”. A assistência de São Miguel, enquanto protetor, é relatada na Bíblia desde o Antigo Testamento. Como já pude esclarecer em Batalha espiritual, ele

é citado como provedor de socorro nos combates (cf. Dn 10, 13.22). O profeta [Daniel], por sua vez, intitula-o como o grande príncipe protetor dos judeus (cf. Dn 12, 1). Já o título de Arcanjo lhe foi conferido na Carta de São Judas, na passagem referente à sua luta contra Satanás, em que, para repreendê-lo, não se vale de seu próprio poder nem de palavras ofensivas, mas apenas pronuncia a sentença: ‘Que o Senhor o condene’ (Jd 1, 9). Por fim, também é mencionado no Livro do Apocalipse a propósito da grande batalha travada contra o Dragão, da qual ele e os demais anjos saíram vitoriosos (cf. Ap 12, 7-8).

São Miguel é o Príncipe da Milícia Celeste e exerce a função de proteger os vivos e os mortos, encorajando e fortalecendo os fiéis para superarem os desafios e vencerem o mal.

Uma série de visões aumentou a veneração ao Arcanjo Miguel na Europa. Entre elas, destaca-se a ocorrida no Monte Gargano, sudeste da Itália, local que, tempos depois, tornou-se centro de peregrinação e culto.

Outra aparição se deu no ano 590, justamente quando uma terrível epidemia de peste assolava Roma. O Papa São Gregório

Sim! Na Eucaristia está o próprio Cristo por completo: corpo, sangue, alma e divindade! Eis por que é tão importante estarmos sempre em estado de graça, com a confissão em dia: assim, “limpamos a casa” para receber Nosso Senhor em nós. A assiduidade à Eucaristia é garantia de que Satanás não sairá vitorioso sobre nós.

Eu sei: a pandemia mudou toda a nossa realidade e rotina. Como citei no primeiro capítulo, as Igrejas por vezes estiveram com suas portas fechadas. Mais recentemente, adaptadas com as recomendações das autoridades sanitárias, puderam, ainda que com número reduzido de fiéis, voltar a realizar Celebrações Eucarísticas.

No princípio da pandemia, o Papa Francisco fez algumas orientações valiosas, entre as quais destaco a prática — realizada por santos e mais santos ao longo da história — de um bom exame de consciência diário e o pedido de perdão a Deus com arrependimento pelos nossos pecados. O Santo Padre também nos orientou a comungar espiritualmente quando não for possível fazê-lo de modo presencial. Essas observações valeram para o tempo de isolamento e continuam valendo para quem está impedido de comungar, seja pela doença, seja por pertencer aos chamados grupos de risco. Temos, entre outras, a oração de Santo Afonso Maria de Ligório para esse momento:

Creio, ó meu Jesus, que estais presente no Santíssimo Sacramento. Amo-Vos sobre todas as coisas e desejo-Vos possuir em minha alma. Mas como agora não posso receber-Vos sacramentalmente, vinde espiritualmente ao meu coração. E, como se já Vos tivesse recebido, uno-me inteiramente a Vós; não permitais, Senhor, que torne a separar-me de Vós.

Quando esse processo se prolonga, a adrenalina aumenta, e a tendência é que se chegue a um quadro ainda pior. No turbilhão de desconforto e desavenças, o sono é afetado, e as pessoas mal conseguem relaxar. É justamente para esse tipo de gente que Jesus abre os braços e diz: “Vinde a mim.”

Certamente, trata-se de um texto de cunho religioso e situado no tempo em que foi escrito, quando inúmeras normas políticas e religiosas eram imputadas ao povo, observando o que podiam e não podiam fazer. Tão rígidas e punitivas eram que as pessoas não conseguiam cumprir e acabavam cansadas, julgando-se indignas e desprovidas da graça de Deus.

Mas não é sobre esse aspecto exatamente que quero discorrer. Interessam-me aqui os casais que se deparam com uma crise familiar dentro da crise da pandemia: são eles que devem se dar conta do caminho existente sob o jugo de Jesus, precisamente o do perdão que liberta, do diálogo que aproxima e do amor que constrói.

Jesus torna mais leve a justiça para nós e nos faz mais coerentes. Ele não defende o simples legalismo; o que Jesus quer é misericórdia.

Uma pessoa amarga e vingativa estraga a vida de todos, sobretudo em uma relação conjugal e familiar.

Como já disse, a pandemia nos fez enxergar a realidade com uma lente de aumento e focada no que o outro tem de pior, isto é, nos defeitos. De repente, uma mania simples, que nunca incomodou, passa a ser irritante. Coisas que em “tempos normais” passam despercebidas ou são encaradas sem estresse acabam tomando uma proporção maior e gerando consequências graves, desde desavenças até violência.

Muitos já retornaram ao trabalho presencial, enquanto, em outros casos, as empresas optaram pelo sistema de home office.

mas que sejam cicatrizes de uma batalha vitoriosa, travada na mansidão e na humildade.

Comecei este capítulo comentando sobre as “rachaduras” no relacionamento. Insisto: ao perceber quais são essas incompatibilidades da vida conjugal, em vez de desanimar ou blasfemar como o Inimigo quer, abrigue-se sob o jugo de Jesus e as ressignifique. Ou seja: faça de cada falha uma abertura por onde passe a luz que ilumina as trevas — e a verdadeira luz vem de Jesus, que é manso e humilde de coração.

Para rezar

Salmo 37

R.: Confia ao Senhor o teu destino e Ele te protegerá!

Confia no Senhor e faze o bem,
e sobre a terra habitarás em segurança.
Coloca no Senhor tua alegria,
e Ele dará o que pedir teu coração.

Deixa aos cuidados do Senhor o teu destino;
confia n'Ele, e com certeza Ele agirá.
Fará brilhar tua inocência como a luz,
e o teu direito, como o sol do meio-dia.

Não te irrites, pois seria um mal a mais!
Porque serão exterminados os perversos,
e os que esperam no Senhor terão a terra.

Mais um pouco e já os ímpios não existem;
se procuras seu lugar, não o acharás.